

AVALIANDO COM RUBRICAS - UM CASO DE AVALIAÇÃO FOCADO NA DISCIPLINA DE INGLÊS

EVALUATING WITH RUBRICS - A CASE OF EVALUATION FOCUSED IN THE ENGLISH DISCIPLINE

GARANTÍA DE ROTAS - UN CASO DE EVALUACIÓN FOCADO EN LA DISCIPLINA INGLESA

Marilene Santana dos Santos Garcia

Professora do Mestrado em Educação e Novas Tecnologias - UNINTER. E-mail: marilene.G@uninter.com

Diego Spitaletti Trujillo

Mestrando em Comunicação Educacional e Mídias digitais - Universidade Aberta de Portugal.
E-mail: die_trujillo@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo discute o trajeto de avaliação de uma atividade de comunicação oral em inglês por meio de rubricas. Seu propósito, a partir do uso de rubricas, é instigar o processo reflexivo e validar a aprendizagem de forma significativa. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, focado em uma atividade dirigida a 10 alunos na disciplina de inglês, no nível médio escolar, com o suporte do jogo Breakout EDU, baseado no jogo Scape 60'. O processo de avaliação pautou-se em rubricas para as habilidades e competências desenvolvidas em equipe. O uso das rubricas e o cruzamento de dados demonstraram que todos os participantes alcançaram resultados positivos no desempenho desta atividade. As rubricas, desenvolvidas pelo próprio professor, foram vistas como sinalizadoras de avaliação das performances dos alunos para a realização de práticas claramente orientadas. Isso levou à reflexão mais profunda sobre o processo de ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, instigou os alunos a entender seu desempenho, verificar erros e acertos por meio de feedbacks, bem como a traçar metas para se aprimorarem. Pôde-se concluir, para o caso estudado, que o uso de rubricas propiciou amadurecimento do processo avaliativo de forma mais objetiva e transparente, impactando tanto professores quanto alunos. Os autores que apoiaram esses estudos foram os seguintes: Allen, d. & Tanner (2006), Brookhart (2013) Lyster (1999, 2001) entre outros.

Palavras-chave: Avaliação. Avaliação e tecnologias. Uso de rubricas na avaliação .

ABSTRACT

This article discusses the evaluation path of an oral communication activity in English through rubrics. The purpose was, from the use of rubrics, to instigate the reflective process and to validate learning in a meaningful way. The methodology used was a case study, focused on an activity directed to 10 students in the English language, at the high school level, with the support of the game Breakout EDU, based on Scape 60', whose evaluation was based on rubrics for skills and competences developed in team. The use of the rubrics and the data crossing showed that all the participants achieved positive results in the performance of this activity. The rubrics, developed by the teacher himself, were seen as indicators for evaluating students' performances to carry out clearly oriented practices. This led to more in-depth reflection on the teaching-learning process and at the same time instigated learners to understand their performance, to check for mistakes and successes through feedback, as well as to set goals for improvement. It could be concluded, for the case studied, that the use of rubrics led to the maturation of the evaluation process in a more objective and transparent way, affecting both teachers and students. The authors who supported these studies were the following: Allen, d. & Tanner (2006), Brookhart (2013) Lyster (1999, 2001) among others.

Keywords: Evaluation. Evaluation and technologies. Use of rubrics in the evaluation.

RESUMEN

Este artículo discute el camino de evaluación de una actividad de comunicación oral en inglés a través de rúbricas. Su finalidad, basada en el uso de rúbricas, es instigar el proceso reflexivo y validar el aprendizaje de

manera significativa. La metodología utilizada fue un estudio de caso, enfocado en una actividad dirigida a 10 alumnos de la disciplina de inglés, en la enseñanza media, con el apoyo del juego Breakout EDU, basado en el juego Scape 60'. El proceso de evaluación se basó en juegos de habilidades y habilidades desarrolladas en equipo. El uso de las líneas y el cruce de datos mostraron que todos los participantes obtuvieron resultados positivos en el desempeño de esta actividad. Las líneas, desarrolladas por el propio profesor, fueron vistas como indicadores de evaluación de las performances de los alumnos para la realización de prácticas claramente orientadas. Esto llevó a una reflexión más profunda sobre el proceso de enseñanza-aprendizaje y al mismo tiempo estimuló a los alumnos a comprender su desempeño, a verificar errores y éxitos por medio de retroalimentación, así como a definir metas para perfeccionarse. Se pudo concluir, para el caso estudiado, que el uso de ítems llevó a la maduración del proceso de evaluación de forma más objetiva y transparente, impactando profesores y alumnos. Los autores que apoyaron estos estudios fueron los siguientes: Allen, d. Y Tanner (2006), Brookhart (2013) Lyster (1999, 2001) entre otros.

Palabras clave: Evaluación. Evaluación y tecnologías. Uso de líneas en la evaluación.

INTRODUÇÃO

O presente artigo advém de uma parceria estabelecida entre o Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias – UNINTER – PR- Brasil e o Mestrado de Comunicação Educacional e Mídias Digitais da Universidade Aberta de Portugal - Lisboa, a partir de um processo de coorientação de uma dissertação de Mestrado.

O tema de avaliação emergiu em um momento em que se enfatizava nesse estudo questões sobre o trabalho de *coaching* educacional, suas atribuições e formas de mediação tecnológica e pedagógica com professores de uma escola localizada em São Paulo.

Nesse contexto surgiu também a revisão da temática das rubricas, que têm dado suporte a trabalhos que envolvem uso de tecnologias digitais e abordagens mais adequadas e inovadoras para avaliar relações mais dialógicas e diretas entre professores e alunos. Assim, entende-se o tema avaliação como um pressuposto importante ao se valorizar o papel dos alunos como protagonistas da aprendizagem, em que se estabelecem responsabilidades entre os alunos e se pratica o diálogo pedagógico, tanto na escolha das atividades quanto ao longo de seu desenvolvimento e aplicação.

Para Biagiotti (2005, p. 1)

Um problema com o qual todo professor se depara por ocasião de efetuar uma avaliação, é como ele se sente ao dar notas. Nesse momento ele sempre pensa qual é a parte mais penosa deste processo. Estabelecer valores das notas, justificar as notas, ler todos os traba-

lhos ou provas, manter pontuação uniforme, etc. Avaliar é uma tarefa complexa que exige atenção, e se de fato queremos ser construtivos no que diz respeito à performance de nossos alunos, necessitamos gastar um bom tempo, preparando cuidadosamente a avaliação.

Dessa forma, o foco deste estudo surgiu a partir do caso que resultou em experiências de uso de rubricas na avaliação de alunos 1º série do ensino médio, da disciplina de inglês, e procura discutir esse processo que implica mediações de tecnologias digitais, ao mesmo tempo em que visa validar procedimentos metodológicos e pedagógicos que abranjam um detalhamento mais atento, no que concerne avaliar as produções dos alunos nos contextos apontados.

No caso específico dos alunos avaliados, foi utilizado um jogo baseado no *Scape 60'*, que trabalha com desafios, de forma que os jogadores seriam levados a descobrir diversas pistas e desvendar enigmas propostos ao longo do jogo, em um prazo determinado, no caso, de 60 minutos. O jogo estimula o diálogo em inglês sobre as estratégias a serem utilizadas de forma colaborativa, além de trabalhar o respeito ao ritmo de cada um dos jogadores.

A metodologia de pesquisa utilizada dá ênfase à análise qualitativa e à observação participante, em que o professor, que conduziu as atividades, realiza interações com os indivíduos observados. Assim, este faz parte dos atores que participam do evento observado no referido jogo e recolhe os dados de sua observação, por meio de anotações feitas tanto sincronicamente quanto retrospectivamente. Esses dados são relativos aos contextos, sujeitos e condições de aprendizagem, com foco nas formas avaliativas, envolvendo formas de expressão, respeito à opinião do outro, poder de síntese de ideias, comunicação e uso de recursos mediáticos para comunicar.

Assim, pôde-se verificar que o resultados da pesquisa de observação participante apontam para o fato de que os alunos utilizaram meios claros e dialógicos para trocar ideias sobre o seu processo de aprendizagem entre seus pares. Eles também tomaram conhecimento sobre como seriam avaliados, de que forma e quais os valores que estavam em jogo, de forma que puderam dar mais atenção às suas performances em inglês, qualifi-

cando mais positivamente suas participações.

Nas conclusões preliminares desse estudo, destacam-se os seguintes fatores: a) Os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre o processo de aprendizagem. Eles foram não só apresentados ao formato da avaliação em rubricas, mas também foram lembrados constantemente do processo e dos critérios de avaliação durante a atividade. b) Aos alunos foram apresentados critérios de comunicação entre pares e colaboração entre os grupos, que eram mais significativos que os gramaticais, de forma que se sentiram mais confortáveis para se comunicar entre eles na solução do desafio.

Contexto atual e a aplicação de rubricas.

Nas recentes décadas, o universo educacional tem passado por transformações significativas, em que se vê afetado pela contínua inserção de novas tecnologias, pela ênfase no protagonismo dos alunos, pela oferta de uma grande variedade de fontes de informação e pesquisa, bem como devido à implantação da Base Nacional Curricular Comum em todo o território Brasileiro (BNCC), entre inúmeros outros fatores.

A BNCC enfatiza o desenvolvimento de habilidades (saber fazer) e competências, envolvendo todos os anos escolares e indica a elaboração de um currículo flexível, que respeita as culturas de cada estado brasileiro, visando à formação de um cidadão reflexivo, que deverá saber enfrentar situações cotidianas de forma mais assertiva e criativa.

Contudo, mesmo com tantas mudanças no âmbito educacional, ainda há discussões no que compete a como conduzir muitos processos educativos, Entre eles evidencia-se dar mais atenção às formas de avaliação. Isso significa investir em inovações metodológicas que foquem as avaliações com a mesma dinâmica com que as tecnologias digitais promovem mudanças na forma de agir, de criar e de pensar a educação. A expectativa é a de que avaliações inovadoras possam ser capazes de abranger esses diferenciais, tornando-se adequadas ao perfil formativo do aluno atual.

A questão que desponta, mais especificamente, relaciona-se aos conteúdos trabalhados em sala de aula, que abrangem também a progressão das habilidades e competên-

cias e a possibilidade do exercício autônomo, colaborativo e criativo do aluno na medida em que as atividades são propostas e realizadas.

No entanto, quanto se trata de outras formas de avaliar o desempenho do aluno, como proposto pela BNCC, é preciso repensar em como acompanhar e registrar a progressão deste aluno sem somente se basear em um determinado conteúdo proposto e supostamente aprendido ou em um número agregado de tópicos, após um processo de ensino. Nesse sentido, é necessário uma metodologia avaliativa que propicie reflexão sobre as relações entre o ensino aprendizagem, tanto por parte do aluno quanto do professor, e que também demonstre que o conteúdo aprendido é de fato significativo, já que pode ser atrelado a competências e habilidades pré estabelecidas em programas e planejamentos de ensino.

Uma das formas de combinar e avaliar o aluno de forma mais assertiva e que contemple conteúdo, habilidades e competências é a utilização rubricas (PERLMAN, 2002).

O que são rubricas?

O termo já é bastante antigo, porém, ao longo do tempo, foi agregando novos significados. Ele se baseia em orientações de condutas da Idade Média, cujas regras litúrgicas eram impressas na cor vermelha, portanto eram as regras que todos deveriam seguir. Assim, a palavra rubrica origina-se do Latim¹ e sinaliza a cor vermelha, normalmente malquista nos processos tradicionais de avaliação. Nesse caso, em sua ressignificação, elas devem significar uma orientação, uma ênfase.

E qual o propósito têm as rubricas na avaliação atualmente? A proposta da rubrica é avaliar, mas de uma forma mais detalhada, fornecendo dados mais precisos sobre o desempenho do aluno. Segundo Perlman (2002), as rubricas devem significar uma boa experiência de aprendizagem para os alunos.

As rubricas, como forma de avaliação, abrangem uma variedade de fatores afetados pelo uso de processos e instrumentos tecnológicos, que estão nas mãos de alunos e

1 Palavras que designam vermelho em latim: Ruber – adjetivo/ Rubra - substantivo masculino/ Rubrum – substantivo masculino/ Rutilus – adjetivo masculino

professores, como, por exemplo, os dispositivos móveis, aplicativos e diferentes possibilidades de uma pedagogia mais interativa, imersiva, ubíqua e participativa.

Assim, surgem novas ações desempenhadas pelos alunos para as quais devem ser atribuídas uma nota, como colaboração, análise de risco, responsabilidade, comunicação, pensamento crítico, pensamento computacional, pensamento estratégico, entre outras habilidades e competências.

Dessa maneira, é necessário que mesmo que seja atribuída uma nota ao aluno, esta tenha um significado que descreva o seu desempenho e indique o que é preciso para melhorar. Dessa forma, o processo avaliativo não significa produzir um julgamento, que incorpora piores e melhores notas, mas um processo reflexivo, por meio do qual é encorajada a criação de estratégias para que seja alcançado o melhor desempenho, bem como a satisfação dos alunos. Segundo Brualdi (2002, p. 9) “This type of assessment provides teachers with information about how a child understands and applies knowledge²”

Geralmente, são utilizados dois tipos de rubricas: Analítica e Holística. As rubricas analíticas descrevem o trabalho em cada critério separadamente. Rubricas holísticas descrevem o trabalho aplicando todos os critérios ao mesmo tempo e permitindo uma visão global sobre a qualidade do trabalho (BROOKHART, 2013). Vale salientar que ambas rubricas exigem transparência e objetividade em suas descrições.

Outro aspecto importante que deve ser mencionado é a periodicidade do uso das mesmas rubricas no decorrer de certas atividades e avaliações. Segundo Perlman (2002, p. 19)

The best way to promote reliable scoring is to have well-trained scorers who thoroughly understand the rubric and who periodically score the same samples of student work to ensure that they are maintaining uniform scoring³.

Por exemplo, pode-se utilizar os mesmos critérios para correções de produção de

2 Tradução dos autores: Esse tipo de avaliação fornece informações ao professor sobre como a criança entende e como aplica o conhecimento.

3 Tradução dos autores: A melhor maneira de promover uma pontuação confiável é ter pontuações bem estabelecidas que representem completamente a rubrica e que pontuem periodicamente as mesmas amostras de trabalho do aluno, de forma a garantir que estejam mantendo uma pontuação uniforme.

texto, pela oportunidade de construir um diagnóstico claro no que diz respeito ao desenvolvimento e melhorias do aluno na produção textual. Isso vale para estimular e traçar estratégias de melhoria da qualidade da produção dos alunos, proporcionando momentos de reflexão sobre a aprendizagem. Utilizar as mesmas rubricas tornará mais claro para o aluno, e também para o professor, seu amadurecimento no decorrer do processo de aprendizagem.

Como criar uma rubrica

A criação de uma rubrica por parte do professor é um exercício considerável, porque esse deverá pensar cuidadosamente sobre cada critério e os níveis de desenvolvimento de cada um. Deve abranger desde o critério mais básico até o mais complexo, passando por fases intermediárias. Esse processo exige que se considere os detalhes das atividades usadas para as avaliações, descrevendo os níveis de qualidade desejados de forma objetiva e clara. Deve-se também atrelar uma pontuação para que ao final os alunos consigam perceber seu desempenho tanto de forma quantitativa como qualitativa.

Segundo Allen & Tanner (2006), para redigir uma rubrica, o educador, primeiramente, deverá desenvolver uma lista com critérios para os quais o estudante deverá demonstrar competência ao final da atividade ou avaliação. Para auxiliar nessa ação, o professor deverá realizar alguns passos essenciais para a organização desse trabalho: 1) perguntar-se o que é mais importante alcançar na aprendizagem com a atividade proposta; 2) descrever os níveis de qualidade, partindo do mais básico, até chegar ao mais proficiente; 3) descrever os níveis intermediários, apresentando uma gradação de desempenho em um processo claro e específico.

Rubricas na prática

A elaboração e introdução de novo processo de avaliação é sempre um esforço que requer estudo, paciência, cuidado e observações assertivas sobre as possibilidades meto-

dológicas e abordagens pedagógicas. Toda atividade proposta deve estar atrelada ao que se quer conquistar quanto ao desempenho dos alunos, com descritivos claros e objetivos. Esses aspectos dão suporte a planejamentos e intervenções na aprendizagem na medida em que se queira alterar os rumos.

Mapear o desempenho do aluno em sala de aula, assim como em lições de casa e projetos, é uma tarefa que exige preparação, organização e ferramentas de avaliação mais precisas. Apresentar explicações que informem ao estudante seu real desempenho e que também indique o que precisa fazer para melhorar, na forma de feedbacks, é imprescindível para seu sucesso acadêmico.

A abordagem que enfatiza e descreve o nível de desempenho atual e o que precisa ser desenvolvido para melhorar, reconsidera o pensar no erro sob um novo prisma, pois os alunos tendem a ser resistentes em aceitar correções ou apontamentos sobre seus equívocos (LYSTER, LIGHTBOWN E SPADA; 1999). Dessa forma, a utilização de estratégias avaliativas que transformem este erro em uma oportunidade de reflexão e aprendizagem deve ser explorada.

As rubricas podem não só se adequar a um processo somativo quanto formativo, segundo reitera Luft (1998, p. 6):

Rubrics can indicate a student's progress throughout the course the course. As a summative assessment, rubrics can furnish a description about the level of proficiency that the student has attained by the end of the course. As a formative assessment, rubrics can provide an indication of the student's progress on various assignments encountered throughout the course⁴.

Diferente de uma abordagem focada no conteúdo em si, a rubrica direciona a reflexão sobre a importância de observar o processo de aprendizagem até o momento da avaliação final (somativa).

Nesse sentido, o professor, como observador-participante, deve sempre acompa-

4 Tradução dos autores: As rubricas podem indicar o progresso de um aluno ao longo do curso. Como avaliação somativa, as rubricas podem fornecer uma descrição sobre o nível de proficiência que o aluno alcançou no final do curso. Como avaliação formativa, as rubricas podem fornecer uma indicação do progresso do aluno em várias tarefas encontradas ao longo do curso.

nhar como os alunos se desenvolvem em diferentes atividades e em distintos momentos, realizando trabalhos individuais e em grupo. Este fato é muito relevante, o que proporciona não só organizar evidências claras sobre este processo, mas também triangular esse dados visando à avaliação final.

Dessa forma, é possível identificar perfis de alunos que conseguiram se desenvolver bem no processo, mas não necessariamente em uma avaliação somativa final, assim como aqueles que alcançam excelente desempenho no exame final, mas tinham um desempenho pífio no processo.

Esses dados, na prática da disciplina de inglês, ajudaram a lapidar um olhar muito mais clínico para cada aluno, em outras palavras, uma abordagem mais personalizada. Devido a complexidades que as rubricas exigem quando são criadas, com a determinação de critérios específicos e a descrição de cada critério em níveis de desempenho claros e objetivos, o olhar para sala de aula torna-se mais heterogêneo. Os planejamentos não tendem mais a alcançar todos de uma só forma, mas devem contemplar abordagens e atividades diferenciadas que irão também atingir aqueles alunos que têm mais dificuldade no desenvolvimento de atividades comuns, sendo assim, aqui temos a possibilidade de trabalhar a equidade.

Deve-se evidenciar também fatos que remetam ao estudo de abordagens metodológicas ativas com mais cuidado, desta maneira, considerar o universo do próprio aluno. Para levantar esses aspectos, pode-se pensar em questionamentos como: O que os alunos vêem na aula?; O que escutam?; Quais são suas necessidades? Dessa forma, pode-se construir um início de mapeamento do aluno, quando adentra a sala de aula para daí intervir mais assertivamente na criação e uso da rubrica e de atividades.

Segundo Lyster (2002, p.266)

Language learners are likely to benefit more from being “pushed” to retrieve target language from than from merely hearing the forms in the input, because the retrieval and subsequent production stimulate the development of connections in memory.⁵

5 Tradução dos autores: Os aprendizes de línguas estrangeiras tendem a se beneficiar mais ao serem “empurrados” (Swain, 1995) a acessar a língua-alvo do que apenas ouvir as explicações de forma passiva, porque o acesso e a subsequente produção estimulam o desenvolvimento de conexões na memória.

A criação de uma rubrica por parte do professor é um exercício que pode ser disciplinar ou interdisciplinar. Desta maneira, apresentamos as rubricas mais específicas para a disciplina de inglês.

O caso: Rubricas na disciplina de inglês

Para redigir uma rubrica para a disciplina de inglês, no caso no ensino médio, partiu-se de uma lista de critérios, a fim de que o estudante pudesse demonstrar competência ao final da atividade ou da avaliação. Desse modo, os critérios levantados foram: comunicação, colaboração, decisão em grupo e planejamento e relações interpessoais. Para cada critério, foram descritos quatro níveis de desempenho, do mais básico ao mais complexo.

Esta rubrica foi criada para uma atividade em grupo, cujo foco era a comunicação oral, em que os alunos foram desafiados a resolver diversos desafios em aula, comunicando-se exclusivamente em inglês. Ao final da atividade, foram apresentados questionamentos para levar à reflexão dos alunos, com a finalidade de concluir o ciclo.

A atividade proposta para desvendar os desafios Breakout EDU foi baseada no jogo *Scape 60'*, em que os jogadores deveriam descobrir diversas pistas e desvendar os enigmas em 60 minutos, para finalmente encontrar a chave que abriria a porta de saída da sala e assim vencer o jogo. No caso da sala de aula, onde a atividade foi realizada, optou-se por não trancar a porta e esconder a chave. Foi determinado que o objetivo fosse abrir uma caixa que se encontrava no meio da sala fechada com diversos cadeados.

Para execução da atividade foram utilizados os seguintes materiais:

- Dois cadeados com 5 combinações. Em ambos poderia se escolher entre letras, números ou setas.
- Um cadeado de 4 combinações de números.
- Um cadeado de 3 combinações de números.
- Uma caixa menor com dimensões de aproximadamente 15 x10 com fecho para colocar o cadeado.

- Uma caixa maior com dimensões de aproximadamente 30 x 15 com fecho para colocar o cadeado.
- Um fecho (*Hasp*⁶) que possibilitava trancar vários cadeados de uma só vez;
- Uma lanterna de luz negra;
- Códigos QR para ativar o site;
- Cinco pedaços de barbantes coloridos;
- Folhas de sulfite com figuras e textos impressos;
- Um computador.

Organização dos desafios

A maioria dos desafios poderiam ser decifrados ao mesmo tempo. Dessa forma, cabia ao grupo decidir e se organizar para aproveitar o tempo e as habilidades de cada jogador da melhor forma possível. Abaixo os desafios estão organizados em uma lista numerada para facilitar a compreensão.

Desafio 1

Nome: The Pony Express

Tipo: Independente (não precisa de outros desafios para ser desvendado)

Cadeado: 5 segredos com setas

Local: Na caixa maior (atrelada ao hasp)

Segredo: Desvendar a sequência correta das setas a partir dos pontos cardeais.

Neste desafio alunos tinham em uma folha sulfite a figura de um mapa dos Estados Unidos com uma sequência de cidades demarcada. Ao lado existiam 5 frases sobre as cidades e também já informando o ponto cardinal de cada uma. As frases já direcionavam para a sequência correta das setas que deveriam ser utilizadas no cadeado. Caso os alunos desejassem, poderiam utilizar uma bússola ativada pelo celular.

⁶ *Hasp* é uma espécie de fecho que possibilita atrelar até vários cadeados ao mesmo tempo. Neste caso para que a caixa fosse aberta todos os cadeados deveriam ser abertos antes de destravar o *hasp* e abrir a caixa.

Desafio 2

Nome: Hieroglifos

Tipo: Independente

Cadeado: 4 segredos com números

Local: Caixa maior (atrelada ao *hasp*)

Segredo: Desvendar os hieróglifos transformando-os em uma sequência numérica para abrir o cadeado.

Neste momento os alunos poderiam utilizar o celular ou o computador disponibilizado para decifrar os hieróglifos. Geralmente todas as referências norteiam para letras do alfabeto. Dessa forma os alunos tinham de compreender que cada letra decifrada levava a um número. Por exemplo, a letra A seria 1, B seria 2 e assim por diante.

Desafio 3

Nome: Barbantes + Código QR

Tipo: Independente

Cadeado: 3 segredos com números

Local: Caixa menor

Segredo: Desvendar a sequência de cores aditivas⁷ (RGB) e nós dos barbantes por meio da consulta de um site aberto pelo reconhecimento do código QR⁸.

A partir de um celular os alunos deveriam acessar um site sobre espectros de cores. Nele deveriam verificar as 3 principais cores, ajustar os barbantes na mesma sequência, contar o número de nós nos barbantes escolhidos e abrir o cadeado. Dentro da caixa deveriam tirar uma lanterna de luz negra.

Desafios 4, 5 e 6:

Tipo: Interdependentes

Local: Caixa maior (atrelada ao *hasp*)

7 Cores aditivas: São cores primárias da luz porque a soma dessas três cores resulta na luz branca. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/cores-primarias/>. Acessado em 11/10/2018.

8 Código QR: São códigos que de barras que vinculam informações no meio digital. Fonte: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/05/06/1095968/entenda-qr-code-pode-usado-educaco.html>. Acessado em 11/10/2018.

Segredo do desafio 4: Com a lanterna de luz negra os alunos deveriam desvendar a mensagem escrita na folha colada do lado de trás da porta de entrada. A partir de uma mensagem lida com a lanterna, deveriam discutir e informar ao professor uma forma de comunicação utilizada em guerras e situações de emergência. Quando informassem que era Código Morse⁹, o professor entregaria um envelope com o próximo desafio.

Segredo do desafio 5: Com o envelope em mãos, os alunos deveriam agora decifrar dois segredos. O primeiro era um texto que levava para um site que estava destacado no final na folha. No entanto, para acessar a mensagem, eles deveriam decifrar o segundo segredo do envelope. Esse era uma palavra escrita em código morse. Inserindo a palavra correta a mensagem se abriria.

Segredo do desafio 6: A mensagem do desafio 5 informava sobre um pintor famoso e sobre possuir obras de arte logo na entrada da casa. A obra de arte estava escondida atrás da folha anexada na porta de entrada (a mesma folha cuja mensagem do código morse estava escrita). Os alunos deveriam utilizar a lanterna de luz negra, desvendar os números na obra e arte e cruzar com as informações na mensagem do computador. Isso levaria a uma sequência de 5 números e abriria o último cadeado da caixa maior.

Como pôde-se verificar, muito estava acontecendo ao mesmo tempo. Todos os alunos estavam participando e interagindo constantemente um com os outros utilizando o idioma alvo. Todos já tinham bem claros os critérios e os níveis de avaliação da atividade, pois as rubricas já tinham sido apresentadas e discutidas nos primeiros momentos da aula.

Discussões sobre melhores estratégias para aproveitar o tempo e formas de trabalhar prevaleceram. Mesmo com alunos que apresentavam dificuldades no idioma, se esforçaram para se comunicar somente em inglês. Outro aspecto importante é que os alunos se ajudaram também no uso de vocabulário adequado para uma compreensão clara das

ideias. Estruturas relacionadas a permissão (May I...; Can I...; Would you mind...), Condição

⁹ Código Morse: É um método de transmissão de uma informação em texto, com o uso de dois tons sonoros distintos, que podem apenas ser compreendidos por um ouvinte habilitado. Cada caractere (letra ou número) é representado por uma sequência única de pontos e traços. Fonte: <https://www.infoescola.com/comunicacao/codigo-morse/> Acessado em 11/10/2018

nais (E se...), levantamentos com perguntas WH- (Why don't we...; What if...) assim como o uso de tempos verbais no presente e passado foram largamente utilizados. Até mesmo o *Present Perfect* foi mencionando por alguns alunos em determinado momento da atividade.

No decorrer da atividade o professor conseguiu observar o desempenho dos alunos com olhar norteado pelas rubricas. Devido aos níveis de qualidade bem descritos em cada critério, o professor conseguiu observar o desenvolvimento do grupo e também pontuar claramente o que poderiam fazer para melhorar ainda mais no trabalho em equipe. Ficou muito mais simples discutir com os alunos a nota que todos tiraram na atividade. A transparência dessa abordagem avaliativa minimizou argumentos de julgamento e estimulou a reflexão sobre o desempenho atual e melhorias posteriores.

Análise de dados adquiridos a partir do uso das rubricas.

Quando se pensa em dados, geralmente, associa-se a números. Fato esse também relevante, uma vez que a análise quantitativa, em outras palavras, a nota final, é muito importante. Mas esta deve demonstrar um significado e levar o estudante a um processo reflexivo. Se foi avaliado com a nota 8, deve pensar quais estratégias deve desenvolver para melhorar. Se tirou nota 5, deve repassar sobre seus equívocos, definir objetivos de melhorias e traçar estratégias para alcançar esta meta. Nesse sentido, o professor pode ser um curador nas novas atividades a serem trabalhadas nesse sentido.

A natureza dos critérios de avaliação exigiu uma abordagem mais assertiva que deveria representar números, anotações e observações, englobando aspectos qualitativos e quantitativos. Os parâmetros avaliativos para esta atividade foram: Comunicação; Engajamento interpessoal; Planejamento e decisão de grupo e Distribuição de papéis.

Dessa maneira, constata-se que a utilização de uma abordagem de avaliação apenas quantitativa, por exemplo de 1 a 10, mesmo com exposição de seus critérios e somatória, não poderia refletir de fato o desempenho do aluno, sem o seu detalhamento em diferentes níveis. Isso auxilia no entendimento e reflexão de professores e alunos sobre o que o

número atribuído como nota pode realmente representar.

A utilização das rubricas na atividade ajudou o professor a lidar com o processo de avaliação de forma mais transparente e assertiva. Exigiu que no processo de planejamento dessa abordagem avaliativa pudesse se questionar sobre a importância e cada critério escolhido e o que esperar de cada um deles, partindo do nível mais básico e chegando ao mais complexo. No quadro 1, está presente o critério de comunicação, associado à nota delimitada para cada um dos níveis de qualidade:

Quadro 1: **Crítérios e gradação numérica**

Crítério	Exemplar 4	Proficiente 3	Em desenvolvimen- to 2	Precisa se desen- volver 1
Comunicação	Todos estão totalmente engajados com troca de ideias eficiente.	Todos estão engajados na maior parte do tempo. A troca de ideias é eficiente na maioria das vezes.	A grupo está engajado, mas apresenta momentos de distração. Ideias são trocadas com intervenção externa.	O grupo somente se engaja com intervenção externa ou nem todos os membros do grupo estão engajados. As ideias não são trocadas de maneira eficiente.

Fonte: adaptado do Teamwork rubric- 2017¹⁰

Foi necessário que os critérios e objetivos estivessem bem claros para cada momento da atividade. Devido a essas exigências, o professor pode basear suas reflexões e prática a partir das seguintes questões orientadoras:

- 1) O que de fato é importante nesta atividade?
- 2) Com que profundidade as explicações deveriam ser dadas no início?
- 3) Como associar de forma coerente o desempenho do aluno com a avaliação a partir das rubricas?

No processo de criação da rubrica, o professor deve refletir sobre a sua forma de lecionar e seu próprio planejamento, este fato torna-se importante para que este melhore seu desenvolvimento profissional (SCHÖN, 2000). Consequentemente, alunos também devem

¹⁰ Teamwork rubric - We impact – Disponível em: <http://www.hscdsb.on.ca/wp-content/uploads/2017/03/TeamworkRubric.pdf>.

ter a oportunidade de refletir sobre o processo de aprendizagem, de forma que a referida abordagem lembra os alunos constantemente sobre processo e os critérios de avaliação durante a atividade.

No caso analisado, os alunos eram orientados a discutir e encontrar as melhores formas de descobrir os enigmas, sempre no idioma alvo. Os critérios de avaliação enfatizou as habilidades de comunicação e não aspectos gramaticais da performance em inglês, isto fazia com que os alunos ficassem mais confortáveis para se comunicar entre eles.

As formas de avaliação qualitativa e quantitativa se cruzam e se complementam nesta atividade com o desenvolvimento e utilização da rubrica. Por um lado estão os critérios de avaliação detalhados em níveis de desempenho já delimitados pelo professor. Por outro, ao final é atribuída uma nota que representa o desempenho geral na atividade. Cruzando os dados temos um resultado final que contempla um sistema de notas numérico, mas este está atrelado a um descritivo que fornece um significado à nota e propicia uma reflexão sobre o desempenho, assim como um feedback mais assertivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de rubricas para avaliar uma atividade de inglês baseada na comunicação oral e em critérios focados em habilidades e competências, pode abranger tomadas de decisão, formas de trabalhar a interação e a colaboração, uso de vocabulário próprio, comunicação com os participantes dos grupos, entre outros aspectos. Segundo relato do pesquisador-observador, ampliou-se consideravelmente a importância de identificar e refletir sobre o desempenho dos alunos em todo o processo avaliativo.

A forma como o processo foi conduzido, desde a discussão e apresentação dos critérios da ferramenta até o envio dos comentários personalizados e feedback individualizado, culminou em resultados mais apurados, seguros e significativos.

Devido à descrição dos níveis de qualidade de cada critério, a abordagem com rubrica visa inibir avaliações baseadas em 'achismos', pois seus parâmetros devem ser claros, conforme foi atestado na atividade. Este fato também fomentou resultados mais abran-

gentes e, ao mesmo tempo, consistentes e confiáveis.

Tanto por parte do professor quanto do aluno o processo reflexivo ocorreu no caso trabalhado. Do lado do professor, isso é constatado desde a construção da rubrica até o *feedback* final e, do lado do aluno, isso é percebido desde o momento em que este recebe rubrica com seu desempenho especificado, até a apresentação de sua nota e com comentários personalizados. Em ambos os casos ocorreram constatações que envolvem alguma forma de reflexão positiva sobre os resultados da aprendizagem, mesmo que se verifique alguma reconstrução de rota e correções.

Contudo, vale salientar que a preparação de uma rubrica clara e objetiva pode levar um tempo considerável por parte do professor. Pois essa exige pesquisa, reflexão e objetividade em toda sua construção e, conseqüente, na própria atividade em que será trabalhada em sala de aula. Deve haver um investimento de tempo para se conhecer diferentes interfaces de atuação do aluno. No entanto, uma vez desenvolvida, ela se torna uma aliada no processo avaliativo, tornando-o mais objetivo e transparente e criando laços de responsabilidade entre os aprendizes e professores, com contratos de parceria em que se foca aprender, compartilhar e corrigir rotas.

REFERÊNCIAS

ALLEN, D. & TANNER, K. Rubrics: Tools for Making Learning Goals and Evaluation. In **CBE - Life Sciences Education**, Vol. 5, 197 – 203, 2006.

BIAGIOTTI, Luiz Cláudio. Conhecendo e aplicando rubricas em avaliações. In **Anais do CIEAD**, 2005. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/007tcf5.pdf>. Acesso em 10/10/2018.

BROOKHART, S. M. **How to create and use rubrics for formative assessment and grading**. ASCD. Alexandria: Virginia, USA, 2013.

BRUALDI, A. Implementing Performance Assessment in the Classroom. In: **Understanding Scoring Rubrics: A Guide for Teachers**, ed. C. Boston, University of Maryland, College Park,

MD: ERIC Clearing-house on Assessment and Evaluation, 1 - 4), 2002.

LUFT J. A. Rubrics: design and use in science teacher education. *J. Sci. In Teach. Educ.* ;10:107–121, 1999.

LYSTER, R. Negotiation of Form, Recasts, and Explicit Correction in Relation to Error Types and Learner Repair in Immersion Classrooms. In *Language Learning – A Journal of Research in Language Studies*. Vl. 51, 265 – 301, 2001. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-1770.2001.tb00019.x>. Acesso em 11/10/2018.

LYSTER R., LIGHTBOWN P.M. & SPADA N. A Response to Truscott’s ‘What’s Wrong with Oral Grammar Correction’. In *Canadian Modern Language Review/ La Revue canadienne des langues vivantes*. *Can Mod Lang Rev.* 55, 457 – 467, 10.3138/cmlr.55.4.457, 1999. Disponível em http://digitool.library.mcgill.ca/webclient/StreamGate?folder_id=0&dvs=1539312191097~991. Acesso em 11/10/2018.

PERLMAN, C. An Introduction to Performance Assessment Scoring Rubrics. In: **Understanding Scoring Rubrics: A Guide for Teachers**, ed. C. Boston, University of Maryland, College Park, MD: ERIC Clearing-house on Assessment and Evaluation, 5 - 13), 2002.

SCHÖN, D. A. . Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

Teamwork rubric. We impact, 2017. Disponível em: <http://www.hscdsb.on.ca/wp-content/uploads/2017/03/TeamworkRubric.pdf>. Acesso em 11/10/2018.